

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de Antropologia

GAP00214 - Teorias Antropológicas em Etnologia Indígena

2/2022

Profa. Dra. Ana Lúcia Ferraz

Ementa

A disciplina faz um percurso sobre a Etnologia Indígena amazônica e seus debates teóricos com a antropologia produzida em outras regiões. O recorte do curso vai priorizar as teorias etnográficas elaboradas a partir do acúmulo da Etnologia indígena produzida nessas regiões.

Objetivos

Apresentar os debates antropológicos contemporâneos sobre Etnologia Indígena das Terras baixas da América do Sul. Traçando um panorama sobre a produção de alguns conjuntos, a saber, o material tupi, o material Jê e o Guarani, incluindo um diálogo com os debates produzidos sobre a Melanésia e os Andes.

Metodologia

Aulas expositivas contextualizam as obras que serão discutidas em seminários de leitura e visualização de material. Seminários de leitura de monografias articulam-se a aulas teóricas, sistematizando os debates a partir dos campos empíricos, permitindo o aprofundamento da compreensão do conteúdo do curso.

Formas de Avaliação

Seminários de apresentação de textos: 25%

Ensaio escrito sobre tema de pesquisa: 25%

Avaliação final: 50%

Conteúdo – Plano de Aulas

1. Apresentação do Programa e acordos.

2/9. 2. A etnologia e o indígena

Krenak, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo, Cia. Das Letras, 2019.

Kopenawa, Davi, Albert, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Cia. das Letras, 2015.

Levi Strauss, Claude. As Mitológicas. Do mel às cinzas. Cap. Para o Acorde. São Paulo, São Paulo, Cosac Naify, 2004.

16/9 - 3. O conjunto Jê – A literatura acerca dos A'uwé Xavante

Maybury Lewis. A sociedade xavante. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1984.

Lopes da Silva, Aracy. Nomes e amigos: da prática xavante a uma reflexão sobre os Jê. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

Laura Graham. Performance de sonhos. Discursos de imortalidade xavante. São Paulo Edusp, 2009.

Falleiros, Guilherme Lavinias. Datsi'a'uwedzé. Vir a ser e não gente no Brasil Central. Tese de Doutorado em Antropologia Social. FFLCH, USP, 2011.

Filmografia

Tserewahu, Divino. Wai'á Rini. O poder do sonho. 2001. 48'

_____ Daritidzé Aprendiz de curador.

_____ Pi'ó nhitsi. Mulheres xavante sem nome.

23/9 - 4. Diferenças Mebengokré

Cohn, Clarice. Relações de Diferença no Brasil Central. Os Mebengokré e seus outros. Teses de Doutorado em Antropologia Social. USP, 2005.

Lea, Vanessa R. Desnaturalizando gênero na sociedade Mebengokre. Estudos feministas Ano 7 1999.

Urueta, Edgar Bolivar. Influências Mebengokre: Cosmopolítica indígena em tempos de Belo Monte. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFF, 2014.

Outros conjuntos

Borges, Júlio César; Niemeyer, Fernando. Cantos, curas e alimentos: reflexões sobre regimes de conhecimento Krahô. RA 55(1),

Kuikuro, Takumã. As hipermulheres.

30/9 - 5. O debate sobre o perspectivismo na Literatura Tupi

Viveiros de Castro, Eduardo Batalha. Araweté. Eram os deuses canibais. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

_____. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2002.

_____. *Metafísicas canibais. Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo, CosacNaify e N-1 edições, 2015.

Tania Stolze Lima. *Um peixe olhou para mim. O povo Yudjá e a perspectiva*. São Paulo, EdUnesp/Rio de Janeiro, NuTI, 2005.

_____. O dois e seu múltiplo. Reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. *Mana* Vol.2.2. 1996. :21-47.

_____. Para uma teoria etnográfica da distinção natureza e cultura na cosmologia Juruna. *RBCS* Vol.14 n.40. 1999. :43-52.

Literatura complementar: Garcia, Uirá Felipe. *Crônicas de caça e criação*. São Paulo, Hedra, 2018.

7/10 - 6. Xamanismos e outras tecnologias

Gallois, Dominique T. *Xamanismo Waiãpi: nos caminhos invisíveis, a relação i-paie. Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Langdon, J. (org.). EdUFSC, 1996.

Sztutman, Renato. *O profeta e o principal*.

Perrone-Moisés, Beatriz. *Festa e Guerra. Tese de Livre Docência*. USP, 2009.

Albert, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da natureza (Yanomami). In *Pacificando o branco. Cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. Albert, B. e Ramos, A. R. (orgs.). EdUnesp/IRD, 2000.

Vilaça, Aparecida. Do Animists became naturalists when converting to Christianity? Discussing an Ontological turn. *The Cambridge Journal of Anthropology* 33(2), 2015:3-19.

14/10 - 7. Literatura Etnológica Guarani

Nimuendaju, Kurt. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião apapocuva-guarani*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987.

Ladeira, Maria Inês. *O caminhar sob a luz. Território mbya à beira do oceano*. São Paulo, EdUnesp, 2007.

Montardo, Deise Lucy. *Através do Mbaraká. Música, Dança e Xamanismo Guarani*. São Paulo, Edusp, 2009.

Pierri, Daniel Calazans. *O perecível e o imperecível. Reflexões guarani mbya sobre a existência*. São Paulo, Elefante, 2018.

Macedo, Valéria e Sztutman, Renato. A parte de que se é parte. Notas sobre individualização e divinização (a partir dos Guarani). Cadernos de campo, São Paulo, n. 23, p. 1-381, 2014.

21/10 - 8. Territórios, territorialidades e as cercas

Gallois, Dominique. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In Terras indígenas e Unidades de Conservação da Natureza. :37-41.

Ladeira, Maria Inês. O caminhar sob a luz. Território mbya à beira do oceano. São Paulo, EdUnesp, 2007.

Mura, Fabio. O Tekoha como categoria histórica: elaborações culturais e estratégias guarani na construção do território. Anais da RBA GT15.

Benites, Tônico. Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha. Tese de Doutorado em Antropologia. PPGAS/MN/UFRJ, 2014.

21/10 - 9. Napo/Sarayacu/Waorani

Uzendowski, Michael A. e Capapucha-Tapuy, Edith. The ecology of the spoken word. Amazonian storytelling and shamanism among the Napo Runa. University of Illinois Press, 2012.

Konh, Eduardo. How forests think. Toward an anthropology beyond the human. University of California Press, 2013.(tradução esp. Como piensan los bosques? Abya Ayala 2020).

Rival, Laura. El crecimiento das famílias y de los árboles: la percepción del bosque de los Waorani. In Tierra Adentro. Territorio indígena y percepción del entorno. Surrealés, Alexandre e Hierro, Pedro Garcia (eds.). IWGIA, 39. Copenhagen, 2004.

Ingold. Tim. The perception of the environment. London, Routledge, 2000.

10. Andes

Gose, Peter. The semi-social mountain. Metapersonhood and political ontology in the Andes. HAU: Journal of Ethnographic Theory 8(3):488-505.

De la Cadena, Marisol. Cosmopolitics in the Andes: Conceptual reflections beyond 'Politics'. Cultural Anthropology. Vol.5 (2), 2010. 2334-370.
Stengers,

11. Melanesia e Australia

Glowczewski, Barbara. Devires Totêmicos. Cosmopolítica do sonho. São Paulo, n-1 edições, 2015.
Yapa. Dream Trackers.

Povinelli, Elizabeth. Do rocks listen? The Cultural Politics of Apprehending Australian Aboriginal Labor. *American Anthropologist*, Vol. 97, No. 3, 1995, pp. 505-518.

12. Melanesia 2

Wagner, Roy. Símbolos que representam a si mesmos. São Paulo, EdUnesp, 2017.

_____. The logic of invention. Chicago, Haw books, 2018.

_____. Automodelagem: o lugar da invenção. *Revista de Antropologia* 54(2), 2011. :921-953.

Strathern, Marilyn. O gênero da dádiva. Campinas, EdUnicamp, 2006.

_____. Learning to see in Melanesia. Lectures given in the Department of Social Anthropology, Cambridge University, 1993-2008. HAU Masterclass Series Vol.2. 2013.

13 e 14. Apresentação de trabalhos

15. Avaliação final